

## 2020: O ANO DA VIRADA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

**“A persistência é o caminho do êxito”.**

Charles Chaplin

Neste 2020, graças aos esforços desde 2017, o Brasil viverá o retorno de um crescimento saudável, sustentado por um modelo econômico equilibrado que valoriza o trabalho e as ações voltadas aos investimentos. Afinal, um país com as condições que tem o Brasil deve ser visto e compreendido, em relação ao demais, como o foco das empresas que se voltam aos grandes mercados.

Tudo começa, de fato, com as mudanças de rumo impostas pelo Presidente Temer, após vários anos onde o Brasil viveu um sistema de ideias decrépitas sustentadas por um grupo de esquerda sem ética e defendendo interesses morais, religiosos e políticos à revelia de um modelo econômico que fosse sustentável ao país. Perdemos outra década, infelizmente!

Em 2019 caíram sustentadamente os índices que medem a inflação e os juros, subiram os empregos e o PIB foi melhor do que o esperado.

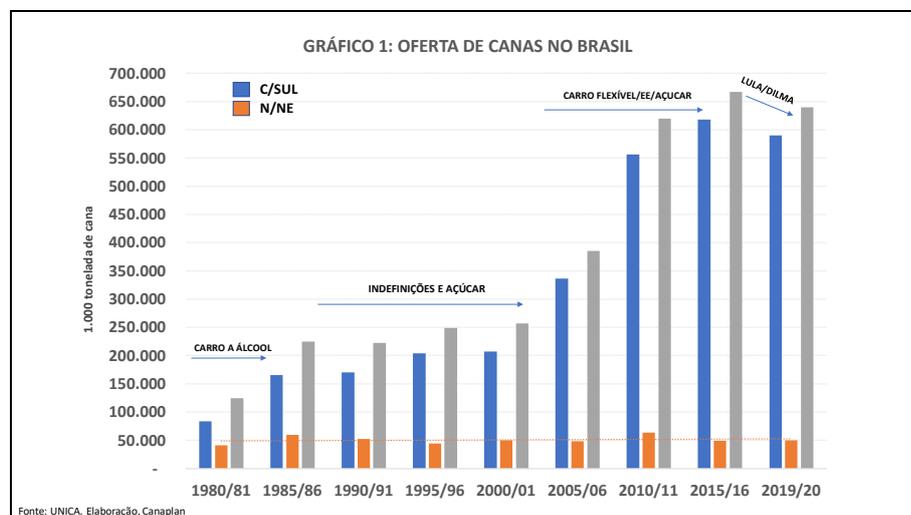
O novo Governo faz o oposto do que se fazia e os resultados retornam.

Neste início de 2020, vale um olhar ao setor sucroenergético nestes últimos 50 anos, refletindo as mudanças, os erros e os acertos fundamentais a explicar a base que se vive hoje para buscar um futuro sustentável ao país.

Até 1988, ano da nova Constituição brasileira, o Estado atuava com intervenções constantes e ativas na economia, gerando desconfortos e desconfianças. No caso da cadeia produtiva canieira, o planejamento global, as produções definidas para cada ator, as leis e os julgamentos eram todos feitos pelo IAA, órgão do governo brasileiro, por 60 longos anos.....

Par se ter uma ideia do que representou a mudança desde o Proálcool em 1975, onde o IAA perdia parte da imensa força que tinha, naquele momento a região Nordeste brasileira já limitada em espaço físico mostrava praticamente a mesma oferta de canas que o Centro-Sul brasileiro! Afinal, o IAA fazia o papel de segurar a oferta.

O gráfico 1 a seguir mostra os momentos essenciais do desenvolvimento setorial pós 1980:



Pode-se ver que o gráfico mostra, grosso modo, duas fases de crescimento e duas de estagnação. Com o carro a álcool - E 100 – pode-se notar um salto na oferta por ambas as grandes regiões produtoras entre 1980 e 1985, seguido por longa fase de estagnação motivada pelas indefinições da política a ser seguida pelo etanol, que só veio em 2002, ainda na era FHC. Nesse período, o petróleo e as energias sobem espetacularmente seus preços e a lógica da energia renovável ganha espaço globalmente, com maior atenção ao etanol e cogeração de energia no Brasil, que recebeu grandes investimentos via Empresas de Energia, Tradings e Fundos. Com o 2º período Lula, seguido por Dilma, praticamente se jogou fora os esforços anteriores, criando-se a maior crise vivida pelo setor.

Desde 2010 percebe-se a queda na produtividade final no setor produtivo canavieiro, pela primeira vez desde a década de 1970 quando se iniciou um ciclo virtuoso nessa agroindústria. Parte da explicação são os baixos preços, a fase de aprendizado nas novas regiões produtoras pós 2004/05, a forçada mecanização de colheita de cana crua, o novo plantio mecanizado e o forte processo de alavancagem com a inesperada interrupção de recursos e os baixos preços. Também pesou o foco no Pré-Sal pelos governos do PT e as dificuldades do produtor em investir e usar a tecnologia disponível para a cana-de-açúcar. Em dez anos se perdeu praticamente, na média do Centro-Sul, duas toneladas de Açúcares Totais Recuperáveis por hectare.

**Tabela 1: Crescimento das Canas Colhidas – Períodos (milhão ton)**

Períodos	Crescimento s/ Ano Anterior (milhão ton de cana)	Taxa de Crescimento ao Ano (%)
1980 – 1985	80	14,4
1986 -1990	7	0,8
1991 - 1995	34	3,7
1996 - 2000	3	0,3
2001 -2005	130	10,2
2006 – 2010	220	10,6
20011 - 2015	60	2,1
2016 – 2018	-45	-1,5
1980 – 2018 (acumulado)	489	5,2

Fonte: UNICA

Pela tabela 1, percebe-se nos períodos de desenvolvimento, aspectos importantes:

- 1) Entre o lançamento do carro a álcool e 2018, foram aumentadas 489 milhões de ton de cana para um crescimento de 5,2% ao ano em 38 anos;
- 2) O único período em que o crescimento foi negativo foi o de 2016 a 2018;
- 3) O período de maior crescimento foram os de lançamento de carros E100 e FFV;
- 4) Energia seja etanol ou elétrica, comandam os elevados crescimentos, quando ocorreram, exceto no período governado pelo PT de Dilma Rousseff, com queda efetiva!

Nas últimas três safras percebem-se, com ânimo, regiões novas já com produtividade superior à de muitas regiões tradicionais canavieiras, além de nítido processo de recuperação das eficiências produtivas no Centro-Sul brasileiro na safra 2019/20.

Desde as vésperas do Natal de 2019, foi implantada a nova lei federal RenovaBio, que segundo o Governo Federal deverá movimentar até R\$ 1,2 trilhão em investimentos na economia, em 10 anos. Caso a redução das emissões aconteça como o previsto, haveria um ganho anual de cerca de R\$ 2,6

bilhões ao ano. A lei se inicia efetivamente em 2020, mas as notas fiscais emitidas desde 24/12/19 já valerão para os CBIOs [no caso das empresas aprovadas na ANP](#).

O título do artigo se refere ao ano da virada como 2020 não somente pelo RenovaBio mas, também, pelos preços esperados e em recuperação do açúcar, pela manutenção dos bons preços do etanol, ambos suportados pela tendência dos preços do petróleo em patamar ao redor de US\$ 70,00/barril e câmbio competitivo.

Na visão da LMC Commodities, com a qual concordamos, nos últimos dois anos os preços mundiais de açúcar bruto estiveram em uma faixa estreita de 11 a 13 centavos de dólar/lb. O motivo é bem conhecido: há bastante açúcar disponível no mercado mundial. Isso significa que os preços do açúcar foram atrelados à paridade do etanol ou abaixo dele para incentivar as usinas brasileiras a produzir etanol à custa do açúcar, visando reduzir o excesso de oferta. Desse modo, pode-se dizer que os preços do açúcar têm sido baixos em relação aos preços do etanol. Mas há desafios claros: os preços mundiais do açúcar estão bem abaixo do custo médio mundial da produção de açúcar. Isso é verdade não apenas hoje, mas também em todos os anos, exceto quando os preços do açúcar estão muito altos.

A razão pela qual isso é possível é que a maioria dos produtores vende toda ou parte de sua produção de açúcar nos mercados locais ou regionais, onde os preços são muito mais altos do que no mercado mundial. Em outras palavras, eles vendem açúcar se utilizando de barreiras protetoras.

No entanto, os exportadores não enfrentam essa proteção contra as vendas para o mercado mundial (a menos que recebam subsídios para exportar açúcar). É por isso que apenas os países com os menores custos de produção de açúcar exportam grande parte de sua produção de açúcar para o mercado mundial, como é o caso do Brasil.

Desse modo à articulação entre Brasil, Austrália, Guatemala e outros suportes importantes atuando na OMC contra os subsídios indianos ao açúcar serão um fator crucial para um novo ciclo virtuoso. No entanto não se pode esquecer que as ações do Governo Trump, nos EUA, fragilizaram a OMC.

Com os preços do petróleo e sua forte correlação com os da gasolina, na metodologia da Petrobras de definir preços, o etanol segue fortalecido e a oferta vem volumosa. O novo fator desde 2019 é que os preços do etanol hidratado ao consumidor são muito estimulantes ao seu uso, gerando impactos positivos ao meio ambiente local (redução da poluição) e ao planeta (menores emissões de CO<sub>2</sub>).

Ambos os preços formam a base da remuneração do produtor de cana, que passará, a partir de 2020, a contar com o prêmio pelas reduções de emissões de CO<sub>2</sub>, assim como as indústrias e sua oferta de [etanol](#).

É a nova versão da cadeia produtiva canavieira, rejuvenescida com a introdução remunerada de sua atenção com o meio ambiente, no processo de descarbonização do planeta (Acordo de Paris), também outro trabalho de Temer [que teve o apoio do Pres. Bolsonaro](#).

Com a recuperação da produtividade ano a ano, mesmo com a saída de unidades, haverá um fortalecimento de quem ficar. Novos entrantes estarão surgindo na esteira da previsibilidade e capacidade competitiva do etanol, em outro patamar de confiança com a economia brasileira e seu modelo liberal. Os resultados positivos das novas regiões e o interesse pela redução da poluição local em países asiáticos encaminharão para o etanol como commodity, seja como aditivo da gasolina ou como combustível.

Assim se desenha um 2020 como ano de virada, após um longo período de “vacas magras”, [mesmo com a chegada de “cisnes negros” \(alusão ao escritor Nassim Taleb\) como o coronavírus](#).